

ISSN: 2319-0124

A NASCENTE DO APRENDIZADO DO GRUPO MOBI PARA SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADE DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR.

Nome SOBRENOME¹; Nome SOBRENOME²

RESUMO

O grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI) reúne agricultoras familiares do município de Poço Fundo-MG, produtoras do “Café Feminino”. O objetivo deste estudo foi compreender como nasceram os processos de aprendizagem do grupo para a superação das desigualdades de gênero na agricultura familiar. A pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada em 2019 utilizando como instrumento de coleta de dados: análise documental, observação participante, grupo focal e entrevistas semiestruturadas. Essa análise revelou que a aprendizagem do grupo se constituiu como um ciclo com aprendizados em diversas áreas, porém teve como chamariz a geração de renda, sendo que, após o início por essa área, conquistas em outras áreas foram acontecendo o que resultou em transformações, gerou reconhecimento e visibilidade do trabalho dessas agricultoras.

Palavras-chave:

Geração de renda; agricultura familiar; igualdade.

1. INTRODUÇÃO

O Agricultor Familiar recebeu diferentes nomenclaturas ao longo da história. Conforme Martins (1981), o nome dado ao trabalhador rural varia nas diversas regiões do país, sendo chamado de caipira, roceiro, dentre outros, sendo sempre palavras que trazem a visão do trabalhador do campo atrasado, desprovido de conhecimento ou orientações, tratado como inferior e condenado a desaparecer. Porém, os agricultores familiares persistiram e passaram a se organizar a fim de reivindicar ao Estado políticas públicas que os incluíssem no desenvolvimento do país. Logo, esse termo surge no contexto da inserção das parcelas excluídas do processo de desenvolvimento.

É nesse contexto da agricultura familiar é que estão inseridas as mulheres do grupo MOBI, contexto esse que de acordo com Abramovay (1998) constitui-se em uma forma viável de desenvolvimento que propicia, além de melhores condições de vida e luta contra a pobreza, o desenvolvimento sustentável.

O Grupo MOBI nasceu em 2006 e é constituído por produtoras de café, cooperadas na Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região LTDA (COOPFAM). A busca pela

1

2

igualdade e por um espaço legítimo de participação foi um dos principais motivos para que iniciassem a discussão sobre a titularidade da cota e a criação da marca “feminino” para o café produzido por elas.

O Grupo MOBI destaca-se pela visibilidade do seu trabalho com a produção do Café Feminino e também pelas transformações obtidas por meio das ações coletivas e os aprendizados construídos nas práticas de aprendizagens realizadas. Essas mulheres vivenciaram um conjunto complexo de ações educativas que contribuíram para o desenvolvimento individual e coletivo dessas agricultoras.

Assim, este estudo visa descrever as contribuições do aprendizado na área de geração de renda para a superação das desigualdades e alcance obtidas pelo grupo.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho originou-se de uma pesquisa de mestrado intitulada “O Café Feminino: da roça para o mercado exterior e os processos de aprendizagem do Grupo MOBI - Poço Fundo-MG” apresentado em 2020 ao Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão da Universidade Federal de Lavras.

O ambiente da pesquisa foi no espaço de atuação das mulheres que compõem o grupo MOBI, na COOPFAM. Esta investigação constituiu-se como sendo qualitativa e buscou valorizar o processo vivenciado pelas mulheres do grupo, sendo significativos os indicadores subjetivos.

Os procedimentos de coleta de dados foram a análise documental, observação participante, grupo focal e entrevistas semi-estruturadas para que fosse realizada a análise crítica das mudanças ocorridas mediante as atividades de aprendizagem realizadas. Foi realizada a sistematização de dados, análise e interpretação, considerando a pesquisa bibliográfica realizada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As primeiras aproximações das mulheres com a COOPFAM aconteceram mediadas pela realização de cursos. Esses foram propostos como um meio de conquistar o interesse das mulheres e, assim, propor reflexões relacionadas à participação deste grupo nas reuniões da cooperativa. Outra questão verificada foi que cursos que tinham o viés de geração de renda eram mais atrativos, pois as mulheres necessitavam do apoio familiar para que deixassem suas casas e, cursos com esta potencialidade eram mais valorizados. A importância dos cursos para a constituição do grupo pode ser verificada abaixo:

Os cursos foram meios, acho que a gente nem tinha essa consciência, foi uma ação inconsciente, porque o conhecimento sobre direito de mulheres, de coletivo de mulheres, era um conhecimento que a gente não tinha para falar sobre isso, mas a gente sentia a necessidade de reunir para fazer algo pras mulheres, mas chamar só pra reunião seria um pouco cansativo né, não seria atrativo, então vamos fazer um curso de pintura em tecido, fazer um curso de doces, é uma capacitação né e nesses espaços a gente falava de tudo. Por que você não foi na reunião, por que você não vai na reunião? O que falou na Assembleia? Por que que a gente não vota? E aí a gente fez muita pergunta dos porquês, muitas vezes a gente precisa perguntar o porquê, se está incomodando tem que perguntar(...). Nossa necessidade era filiar, ter direitos e deveres, ter deveres sim, mas ter direitos (Margarida).

Bruno *et al.* (2013) destaca que existem três motivações para a organização das mulheres em grupos produtivos sendo elas a motivação econômica, social e política. No que diz respeito à motivação econômica, ela destaca que prevalece a perspectiva de aumentar a renda familiar e obter remuneração econômica distinta da do marido. Essa motivação pode ser considerada a motivação inicial para a entrada das mulheres no grupo, é característica das ingressantes no grupo a busca por formações que gerem renda, isso contribui para que tenham o apoio familiar para a participação, além da independência financeira para garantir a continuidade da participação.

Bruno *et al.* (2013) destaca que a falta de retorno financeiro desestimula a participação e, com a pressão dos maridos para que permaneçam em casa cuidando da família, essa apresenta-se como causa de evasão. É fácil perceber essa preocupação com a geração de renda também na fala da presidente atual da cooperativa e integrante do MOBI:

Uma coisa que eu acho que atrai também essas mulheres a tá participando, é uma coisa que gere renda. Até mesmo os maridos que reclamam, que vai, ficar participando, acaba gastando para ir e não tem retorno de nada, sabe (...). E outra coisa Juliana, quando a mulher tem o dinheirinho delas e eu estou falando, assim, daquelas mesmo, que não tem mesmo, nem o dinheirinho delas, não tem autonomia em casa pra nada, que depende do marido pra tudo, se elas ficam mais independente financeiramente, não precisa ser muita coisa, elas já começam a ter a outra independência, porque elas mesmas podem tá, não vai depender de dinheiro de marido para tá indo, para tá participando (Alberta).

Assim sendo, ter uma renda própria está diretamente associada à autonomia e a busca por igualdade de direitos, visto que muitas vezes as mulheres se sentem inibidas por ter que pedir dinheiro aos maridos para a participação. Medeiros e Paulilo (2013) destacam a importância da geração de renda frente aos desafios enfrentados nas formações de grupos como autonomia para a utilização do recurso obtido, oposição no espaço doméstico visto que a nova atividade impõe o rearranjo da divisão do trabalho no interior da família, além de dificuldades de transportes e estradas. Essas dificuldades puderam ser observadas também no que diz respeito a viabilização da participação das mulheres do MOBI que mesmo após todas as conquistas ainda persistem:

Até para sair de casa, já tem que ser muito independente para deixar a casa um dia, por incrível que pareça. Hoje é um dia né, um dia depois de muitos anos, que ainda não é fácil, tem que ter muita superação, contornar muita coisa (Margarida).

Assim, no começo a busca era por independência e essa busca estava diretamente relacionada à independência financeira e autonomia, pois conforme menciona a presidente da cooperativa, a questão financeira é um dos empecilhos para a participação. Depreende-se que, para as mulheres do grupo, a independência foi um primeiro passo no percurso das conquistas, existe a percepção por parte delas de que primeiramente necessita-se ter independência para que fosse garantida assim a participação no coletivo, e posteriormente partir para a busca da igualdade.

Ao perguntar a respeito da alteração do nome do grupo de Mulheres Organizadas Buscando a Independência para Mulheres Organizadas Buscando a Igualdade, segue resposta obtida por uma das mulheres que representa a opinião de todas:

E acho, no início, era um desafio, um desejo muito grande de buscar independência, elas se sentiam muito presas, muito oprimidas, nós sentíamos assim. Essa questão independência, dava força para sair, como se estivéssemos oprimidas naquela situação e depois que a gente conquistou espaço, foi conquistando mais espaços, a gente foi percebendo que na verdade não era independência, a gente não queria ser independente dos homens, dos maridos, a gente queria caminhar lado a lado, caminhar juntos, somar forças, e aí decidimos mudar para igualdade (Alberta).

O discurso da presidente da cooperativa reforça a ideia de que primeiramente era necessário a conquista da independência que aconteceu de maneira gradual e simultânea nas diversas áreas de conhecimento dos conhecimentos adquiridos pelas mulheres. A área de conhecimento da geração de renda constituiu-se uma motivação inicial para começarem a frequentar o grupo, visto que, inicialmente, não possuíam independência financeira para participar do grupo. Ao conquistar renda própria, tornaram-se independentes dessa ajuda para participar das reuniões.

A geração de renda como atrativo inicial para a entrada de novos membros e permanência das mulheres do grupo é valorizada por ele, sendo apontada como um dos objetivos do mesmo, conforme consta no Regimento Interno, art. 4º: “*h) Criar oportunidades de geração de renda para as mulheres, por meio de atividades agrícolas e não-agrícolas*” (MOBI, 2014, p. 2).

Assim, o processo de aprendizagem do grupo MOBI iniciou-se com atividades de geração de renda, sendo esse o chamariz para que as mulheres se ingressem e essa área de conhecimento se fez importante para garantir a participação e frequência das mulheres nas reuniões.

5. CONCLUSÕES

Conclui-se que a questão econômica é um chamariz, visto que inicialmente as mulheres podiam não ter consciência da situação de desigualdade que se encontram ou se sentirem incomodadas, mas não sabiam como transformar essa realidade. Essa consciência constitui-se um aprendizado adquirido no decorrer do convívio coletivo e das práticas educativas realizadas visando instigar a reflexão crítica e conseqüentemente levar à luta pelos direitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura Familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 132-152, jan./abr. 1998. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/8932-29414-1-PB.pdf. Acesso em: 17 set. 2019.

BRUNO, Regina Angela; FERNANDES, Afonso; PRADO, Felipe. PATRONATO RURAL, RELAÇÕES DE PARENTESCO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA (PRIMEIRAS ANOTAÇÕES). **Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, v. 3, n. 3, p. 272-283, 2017.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981.

MEDEIROS, L. S.; PAULILO, M. I. **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. MEDEIROS, L. S; NEVES, D. P. (Org.). Niterói: Alternativa, 2013.